



5º Congresso de Pós-Graduação

“‘PAPAGAIOS BURROS’: O DESEJO DO MERCADO E A SUBMISSÃO DA UNIVERSIDADE”

Autor(es)

FABIO CAMILO BISCALCHIN

Orientador(es)

Luís Antonio Groppo

1. Introdução

Que relação existe entre estes desejos do mercado e a universidade? Ora, o mercado precisa de pessoas qualificadas, capacitadas, competentes, entre outras habilidades para a continuidade dos seus negócios. E quanto mais a tecnologia avançar, mais o mercado vai carecer de pessoas para ocupar postos de trabalho complexos. A universidade por sua vez, parece se contentar em apenas atender as demandas, as exigências, deste mercado. O foco de suas construções acadêmicas, em grande parte, está alicerçado nos desejos do mercado. Afinal, ‘é preciso formar para o mercado de trabalho’, ainda mais nestes tempos de concorrência entre as instituições universitárias, principalmente as particulares, na disputa por alunos. A principal atração nas publicidades das universidades particulares na época de vestibular é evidenciar os números de quantos alunos estão efetivamente empregados depois de adquirirem o título através daquela unidade de ensino superior. Este parece ser um dos sinais que revelam o atual foco dos bancos acadêmicos.

Daí se observa o ‘desejo’ do mercado para com as universidades: formar pessoas para ocupar postos de trabalhos cada vez mais complexos e desafiadores que exijam muita inteligência, mas uma “racionalidade burra” [1] que impede o pensar sobre algo além dos limites impostos pelo mercado, em outras palavras, o econômico.

Deste modo, o desejo, no singular, do mercado para as universidades é a formação de ‘papagaios burros’, isto é, repetidores de fórmulas prontas que atendam as necessidades de manutenção do mercado.

Por outro lado, seria ingenuidade pensar que a Universidade é isenta de influências na sua construção formativa. Este não é o problema deste texto. Este texto espera evidenciar que a Universidade, mesmo possuindo um perfil ideológico, deveria também possibilitar a reflexão independente, a possibilidade de ir além do estabelecido por ela mesma, a possibilidade de quebrar as amarras de pensamentos prontos e ajustáveis aos desejos de alguém ou de alguma organização. Esta maneira de pensar sem amarras, capaz de ir além do estabelecido, buscando entender o quanto mais as várias partes do que está sendo estudado (ver a totalidade da coisa), chama-se ‘Sabedoria’. Aliás, parece ter sido esta a reivindicação desde os primórdios da universidade moderna, quando ela preteria se libertar dos desígnios da Igreja no final da Idade

Média. A menoridade reside “na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outros.” (KANT, 2002, p.11)

Qual é o desejo do mercado? O mercado possui muitos desejos, mas parece que todos eles visam apenas um objetivo: a busca por mais riquezas para aqueles que já são detentores delas. [1] A ‘razão burra’ é possibilidade de unir contradições do tipo ‘razão’ e ‘estupidez’, por exemplo: Um padre, diretor de formação de futuros sacerdotes, faz um discurso fundado em argumentos racionais e humanos sobre a importância da transparência na formação, mas para resolver problemas com um dos seminaristas ele, o padre, espera todos saírem de férias para que na calada da noite, o expulse. É a junção do discurso coerente e cheio de racionalidade, com a estupidez de uma ação incoerente e que não se consegue justificar racionalmente’. (Ver o ‘Post Scriptum’ do texto “Ensaio sobre a verdade num diálogo em Martim Buber”, do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Faculdade de Filosofia, pelo Centro UNISAL de Lorena, de Fabio Camilo Biscalchin, 1994).

2. Objetivos

Por estas razões, a justificativa e o objetivo deste trabalho são visualizados com a idéia de que se a urgência do Iluminismo no século XVIII se devia ao desejo de levar os homens a entenderem a importância da racionalidade, isto é, da compreensão das coisas ao redor e de si próprio a partir do próprio entendimento, hoje – mesmo estando em uma sociedade em que as buscas pelo transcendente, das experiências sensíveis e outros estejam no ápice das reflexões –, mais do que antes, parece que esta urgência da Idade das Luzes se transformou em um clamor desesperado.

Se antes, a falta de racionalidade era explícita, ou nos segmentos religiosos em que muitos padres e pastores tomavam o lugar nas decisões e até ações de seu ‘rebanho’, como explica a frase de Marx: ‘a religião é o ópio do povo’; ou nos atos coletivos de massificações ideológicas do sistema capitalista emergente, em que as grandes empresas ofereciam e oferecem um sentido de vida baseado no consumo; hoje, além destes apontamentos, entre outros, pode se verificar a ‘menoridade’, a aceitação de que outros orientem a própria vida, inclusive nas salas e nos corredores das universidades, lugares antes de resistência a muitos modos de enquadramentos.

A universidade é, também, na atualidade, lugar de perpetuação dessa menoridade, lugar de formação de ‘papagaios burros’. ‘Papagaios Burros’ são os repetidores de máximas e fórmulas ouvidas de alguém, entenda-se ‘ninguém’, e absorvidas como lemas para construção de sentido de vida. Em suma, é perpetuação da menoridade.

Onde encontrar estes ‘papagaios burros’? Em todos os âmbitos da sociedade. Mas o foco deste escrito é a Universidade. Sim, é uma visão pessimista, mas de possível verificação nos corredores, salas de professores, reuniões de colegiado entre outros lugares de qualquer universidade.

Ao trocar poucas palavras com estudantes universitários, ouve-se frases e jargões carregados de conformismos e repetições, em torno das seguintes idéias: ‘não podemos fazer nada para mudar a situação das empresas, cabe a nós apenas nos conformarmos, ou mesmo, nos ajustarmos a tal modo de agir e atuar’; ou uma outra frase, ‘o grande vencedor, o homem/mulher de sucesso, é aquele que se destaca entre os demais através de sua posição de status econômico e social’. Os modelos de sucesso colocados como ‘certos’ são facilmente absorvidos pelos espíritos ansiosos e gananciosos por láureas e louvores, que na idéia destes significa muito dinheiro, muito reconhecimento e muito poder individual. Quando indagados sobre a possibilidade de outras maneiras de pensar e de agir, a primeira resposta que se ouve é, ‘parece interessante poder pensar uma nova alternativa de construção social, mas é impossível. As coisas sempre foram assim e não vão mudar tão facilmente’. Ou ainda, ‘imagine! Se eu tentar ser diferente, tratar as pessoas bem, com igualdade, com dignidade, vou ser visto pelos outros como um ser extraterrestre, e vou inclusive colocar em risco meu emprego; então é melhor ficar como está’.

Estas atitudes dos estudantes muitas vezes são reflexos das falas e ações de seus docentes, muitos deles transpassados por idéias imutáveis de como agir no meio empresarial e social, pois além de professores são atuantes no meio empresarial. Ou seja, quatro anos depois do ingresso na universidade, os estudantes tornam-se repetidores de fórmulas que funcionam e, também, são repetidores de frases que os impedem de pensar propostas diferentes.

Por que isto? Medo?! Eis o mote deste estudo: descrever através de diferentes autores situados em diferentes momentos da história a existência deste processo ‘emburrecedor’ na universidade e suas conseqüências para a educação e para a sociedade.

3. Desenvolvimento

A discussão sobre a autonomia da universidade, em suas diversas interfaces, é um tema que vem ganhando força no debate atual. Por exemplo, ao correr os olhos sobre as notícias recentes, pode-se observar que no Estado de São Paulo, o atual governo, gestão 2007-2010, já em seus primeiros dias de exercício fez com que as universidades estaduais (Universidade de São Paulo - USP, Universidade Estadual Paulista - Unesp e Universidade de Campinas - Unicamp) se sujeitassem a uma nova secretaria criada pelo governo, a 'Secretaria de Ensino Superior', que entre outras coisas, tem o controle orçamentário das verbas destas instituições superiores. No jornal 'Folha de São Paulo' no caderno 'Cotidiano' do dia 14 de maio de 2007 se anuncia que 'qualquer grande mudança orçamentária nestas universidades deverão passar pela aprovação por decreto do governador do Estado'[1]. O que preocupa nesta situação os reitores é a perda de autonomia das Universidades em todos os aspectos, inclusive no rumo das pesquisas e dos estudos acadêmicos. Um outro exemplo é a reportagem da revista 'VEJA' (Edição 2008, ano 40, nº. 19) de 16 de maio de 2007, na página 41, com o título: 'As universidades pesquisam, as empresas pagam'. Um título sugestivo para indagar sobre a autonomia das universidades, uma vez que, ao se sujeitar às verbas das empresas privadas, as pesquisas e pesquisadores deverão seguir os 'desejos' das mesmas, em outras palavras, do mercado. Nesta reportagem dois dados parecem ser interessantes, cuja fonte é o artigo 'Interação universidade-empresa no Brasil', das pesquisadoras Márcia Rapini e Hérica Righi[2]. O primeiro dado mostra o crescimento de 52% de empresas privadas que financiaram projetos científicos, no período entre os anos de 2002 e 2004; o segundo dado, referente ao mesmo período, evidencia um aumento de 57% de pesquisadores financiados pelo setor privado.

A universidade vem se tornando refém dos interesses comerciais e privados. Logo, se os interesses particulares controlam o 'modo' e o 'objeto' da pesquisa, não parece mais ser o fim dos estudos das universidades, inclusive as públicas, o 'bem comum'. Interessante notar que os defensores deste modelo de atuação das universidades que ficam sujeitas aos modelos mercadológicos são aqueles que deveriam pensar com mais ênfase no 'bem comum'. É o caso do deputado federal Antonio Carlos Mendes Thame que publicou um artigo no mesmo jornal 'Folha de São Paulo', no Caderno 'Opinião', na coluna 'Tendências e Debates' do dia 16 de maio de 2007, com o título 'Verdades e mentiras na universidade', em que tenta desqualificar o problema desta relação de sujeição das universidades ao modelo do mercado, dando uma guinada ao debate para a parte burocrática, afirmando que sempre existiu algum órgão de controle para a universidade e que agora, com a criação da 'Secretaria do Ensino Superior', apenas houve uma melhor estruturação dos organismos burocráticos já existentes. Em outras palavras, uma melhor organização centralizadora, autoritária e determinista do uso das verbas para as universidades. Atitudes estas justificáveis, segundo o autor, por um simples cumprimento de lei, num legalismo frio. E ao tecer estes comentários, ele ainda utiliza de palavras fortes para satirizar os críticos deste modelo, chamando-os de 'ridículos', 'desinformados' e 'mentirosos'. Não percebe ele que os reitores não estão pleiteando, como representantes de órgãos públicos que são as universidades, estar desvinculados de uma secretaria de Estado. Esta não é a questão. Mas sim, poder escolher, com autonomia, os caminhos de pesquisas, entre outros, que a universidade pública, visando o 'bem comum', precisa trilhar.

Ao terminar seu artigo, o nobre deputado utiliza de uma frase no mínimo curiosa pois pretende direcioná-la para os reitores e críticos deste modelo que o Estado está implantando, mas que serve mais para si próprio. "A política moderna criou a lenda de que a divulgação repetida pode transformar uma mentira em verdade. Mas a mentira é sempre uma mentira. Basta querer enxergar."

Para se enfrentar esta questão, este capítulo possui dois itens: o primeiro pretende firmar a base conceitual da Universidade para que sirva de parâmetro para a compreensão do modelo universitário que se submete aos desejos do mercado; já o segundo item pretende descrever a relação da universidade com interesses do capitalismo desde longa data. Esta submissão aos interesses do mercado vai produzir uma nova universidade em todos os seus âmbitos, principalmente nas instituições privadas. As mudanças feitas vão desde a abertura de ações da universidade aos investidores estrangeiros até uma mudança no perfil dos egressos. ***

Mas quais são os fundamentos da idéia de Universidade? Para ensaiar uma possível resposta parece que as idéias dos filósofos Jacques Derrida e Karl Theodor Jaspers podem ajudar. Derrida - numa conferência na Universidade de Stanford, Califórnia, em abril de 1998, intitulada 'A universidade sem condição' (L'Université sans condition) - explicita que "a universidade faz profissão da verdade. Ela declara, promete um compromisso sem limites para com a verdade" (DERRIDA, 2003, p.14).

Quais as implicações de uma universidade compromissada com a verdade? “Para além do que se chama liberdade acadêmica, essa Universidade exige e deveria ter reconhecida uma liberdade incondicional de questionamento e de proposição, ou até mesmo, e mais ainda, o direito de dizer publicamente tudo o que uma pesquisa, um saber e um pensamento da verdade exigem” (DERRIDA, 2003, p.13-14). Isto tudo vivenciado dentro da concepção ‘moderna de Universidade’, fundada na democracia, seguindo o modelo europeu que, por sua vez, tem suas origens na idade média.

Na visão de Derrida a verdade sempre esteve junto à Luz, o que remete à idéia e à questão mais elementar das Luzes – do Iluminismo – à questão vinda dos anseios humanos, do livre pensar por si próprio. Por esta razão, a Universidade que professa a verdade se vale do “direito de dizer tudo, ainda que a título de ficção e de experimentação do saber, e o direito de dizê-lo publicamente, de publicá-lo” (DERRIDA, 2003, p.18). A verdade é tudo aquilo que pode ser encontrado, pesquisado, vivenciado, entendido, entre outros, e, que por isso, não pode se sujeitar a nada que a impeça de investigar o que for.

Porém, esta condição incondicional pleiteada pela Universidade sofre resistência de diversos poderes, entre eles, os poderes do Estado, os poderes econômicos (ambos ilustrados na introdução deste capítulo), os poderes midiáticos, ideológicos, religiosos, culturais, entres outros, que podem limitar a democracia ainda por vir (Cf. DERRIDA, 2003, p.18).

Afinal, a Universidade ao se dizer incondicional, sem condição, mostra-se vulnerável e sem poder, então, sem defesa devido à abertura que ostenta. Assim, em alguns momentos ela, a Universidade, pode se render, ou até se vender, para se manter. Hoje, pode se observar algumas universidades privadas oferecendo espaços de sala de aula ou laboratórios para a fixação de propagandas de empresas que se disponham a ‘pagar’ pelo espaço. Tudo justificado com a idéia de redução de custos e melhoria dos equipamentos para a didática. Mas “em que medida a organização da pesquisa e do ensino deve ser sustentada, ou seja, direta ou indiretamente controlada, digamos de maneira eufemística ‘patrocinada’, visando interesses industriais?” (DERRIDA, 2003, p.21).

Por esta e outras situações “sabemos muito bem que essa Universidade incondicional não existe, de fato. Mas em princípio, e conforme sua vocação declarada, em virtude de sua essência professada, ela deveria permanecer como um derradeiro lugar de resistência crítica – e mais que crítica – a todos os poderes de apropriação dogmáticos e injustos” (DERRIDA, 2003, p.16). Mas de que modo?

Derrida diz se valer da ‘desconstrução’, termo caro a ele, que em suas palavras significa o “direito incondicional de colocar questões críticas, não somente à história do conceito de homem, mas à própria história da noção de crítica, à forma e à autoridade da questão, à forma interrogativa do pensamento” (DERRIDA, 2003, p.16). O pensar parece ser o caminho para aquilo que se espera da universidade compromissada com a verdade, manifesta pela luz do pensamento.

A grande questão da universidade é o direito ao pensar que deve ser garantido para todos aqueles que compõem os seus quadros. Deste modo é preciso se perguntar àqueles que estão mais diretamente ligados à construção deste pensar, àqueles que deveriam professar a verdade em suas ações, os professores. Mas o que se pode ver é que muitos deles entendem a si mesmos não como defensores da verdade, mas como profissionais da educação. Não são capazes de entender a si próprios como aqueles que professam a verdade. Neste capítulo, portanto, busca-se entender a universidade a partir da idéia de que ela “deveria ser o lugar em que nada está livre do questionamento, nem mesmo a figura atual e determinada da democracia; nem mesmo a idéia tradicional de crítica, como crítica teórica, nem mesmo ainda a autoridade da forma ‘questão’, do pensamento como questionamento” (DERRIDA, 2003, p.18), pois nos bancos universitários a questão de ordem é ir para além das dicotomias educação-trabalho, teoria-prática, social-empresarial, já que ela almeja professar a verdade que aparece à luz do pensar.

Jaspers, em seu escrito de 1965, ‘The idea of the University’, corrobora com esta idéia ao afirmar a ‘missão eterna da universidade’: “é o lugar onde por concessão do Estado e da sociedade uma determinada época pode cultivar a mais lúcida consciência de si própria. Os seus membros congregam-se nela com o único objetivo de procurar, incondicionalmente, a verdade e apenas por amor à verdade” (apud SANTOS, 1997 p.188).

No mesmo texto, Jaspers apresenta três grandes objetivos da universidade, o que sugere mais um ponto relevante para esta conceituação. “[1] porque a verdade só é acessível a quem a procura sistematicamente, a investigação é o principal objetivo da universidade; [2] porque o âmbito da verdade é maior que o da ciência, a universidade deve ser um centro de cultura, disponível para a educação do homem no seu todo; [3] finalmente, porque a verdade deve ser transmitida, a universidade ensina e mesmo o ensino das aptidões profissionais deve ser orientado para a formação integral” (apud SANTOS, 1997 p.188).

Dentre estes três objetivos, três palavras parecem ser as que fundamentam o discurso de Jaspers: investigação, todo e formação integral. A

idéia dita por Derrida sobre a universidade como lugar do pensar, - entendida como algo além de uma instrumentalização do 'aprender a pensar' que vem servir aos interesses do mercado, mas como ser capaz de pensar o próprio questionar originário do pensar - somente acontece quando a investigação é aberta e livre de interesses particulares e, deste modo, é direcionada para todos, para o bem comum, a fim de proporcionar uma formação integral, que significa garantir ao ser humano a possibilidade de pensar no conjunto das dimensões que compõem a sua vida e no meio delas buscar o equilíbrio para sua ação. [1]TAKAHASHI, FÁBIO "Universidade só pode mudar gastos com decreto de Serra" In: Folha de São Paulo – Caderno Cotidiano, 14/05/2007. Disponível em: Acesso em: 16 de maio de 2007. [2] RAPINI, M. e RIGHI, H. 'Interação universidade-empresa no Brasil em 2002 e 2004: uma aproximação a partir dos grupos de pesquisa do CNPq' IN: APEC (Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia). Disponível em: . Acesso em: 16 de maio de 2007.

4. Resultados

Da relação entre 'mercado e universidade', muitas vezes, promíscua, pode-se observar três idéias: A primeira idéia remete a pressão exercida pelo mercado sobre a universidade para que esta seja capaz de oferecer 'apenas' mão-de-obra qualificada para as demandas das organizações empresariais. Esta pressão, em muitas universidades, impediu a formação de um pesquisador que fosse capaz de assumir um compromisso com a 'verdade', isto é, que fosse capaz de colocar em questão inclusive aquilo que a universidade ensina e, muito mais, aquilo que o mercado espera. Esta dificuldade de alcançar reflexões que vão para além do estabelecido denuncia um não compromisso com a 'sabedoria', que significa pensar e, muitas vezes, mudar aquilo que foi aprendido. Ora, tal situação de não alcance da sabedoria advém, em muitos casos, do 'medo'. E este é 'o tema' da segunda idéia. O medo causa paralisia para o agir e o pensar. Pensar e agir a partir de si próprio torna a pessoa autora das suas escolhas e das suas atitudes. Autora dos próprios pensamentos. A não autoria assumida pelo medo de ser diferente e de não ser aceito por todos e, pior, não ser aceito pelo mercado gera a menoridade, isto é, a necessidade de um tutor que oriente todos os passos da pessoa que se deixa conduzir, transformando a pessoa em Papagaio Burro. Afinal, o mercado apenas espera pessoas com o mínimo de racionalidade, no mais seja burra, isto é, não pense, que se deixe conduzir. A possibilidade de se observar a menoridade no agir do universitário se faz sentir através de diversos sinais. Quatro deles estão destacadas na terceira idéia. Primeiro, o 'falatório', a repetição de tudo que impede a pessoa de encontrar o fundamento, a essência, daquilo que se fala. Depois, a 'banalização do mal', pois ao se conformar àquilo que todos dizem, pensam e agem, e principalmente ao se conformar àquilo que o mercado deseja, a sensibilidade ética fica em detrimento da ganância por galgar reconhecimento frente a todos, perde-se o valor do agir ético. Enfim, o enfraquecimento do 'olhar' e do 'ouvir', que são outros dois sinais correlacionados aos primeiros, pois quando se deixa de ver a totalidade dos fatos (uma visão holística, ou mesmo sistêmica) e se deixa de ouvir outros dizeres diferentes daqueles que todos estão dizendo, a pessoa se fecha em seus medos, tornando-se 'menor'. Estes quatro sinais estão diretamente ligados à superficialidade de compreensão das coisas ao redor. Por isto, superficialidade e menoridade estão intrinsecamente ligadas.

5. Considerações Finais

O título, "Papagaios Burros: O desejo do mercado e a submissão da universidade", expõe o tema deste trabalho: de um lado, observa-se o desejo do mercado de obter mão-de-obra qualificada e obediente, por outro lado, observam-se as universidades submissas, principalmente as particulares, que entre outras necessidades, estão em constante busca de se manterem no mercado da educação e, por isso, se submetem a tais exigências, dentre elas, a mais pertinente, o educar para a obediência. A submissão da educação às exigências do mercado leva a pessoa à menoridade, isto é, à falta de coragem de pensar por si próprio, de servir-se de si, necessitando assim de um tutor. O tutor das universidades é o mercado. O mercado como tutor dita o que deve e o que não deve ser feito, gerando nos bancos acadêmicos os 'Papagaios Burros', que são os repetidores de 'máximas' e de 'fórmulas' ouvidas de alguém, entenda-se 'ninguém', e absorvidas como lemas para construção de sentido de vida. Em suma, é perpetuação da

menoridade. E, deste modo, o afastamento da sabedoria, do pensar.

Referências Bibliográficas

- ALVES, RUBEM. **Ouvir para aprender**. Folha de São Paulo [Sinapse], terça-feira, 21/dez./2004, p.24.
- ARENDT, HANNAH **Eischmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ASSMANN, HUGO e HINKELAMMERT FRANZ J. **A idolatria do mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- ASSMANN, HUGO **Crítica a lógica da exclusão: Ensaio sobre Economia e Teologia**. São Paulo: Paulus, 1994.
- BEAINI, THAÍS CURI. **À escuta do Silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger**. São Paulo, Cortes/Autores Associados, 1981, p. 65.
- BEAUVOIR SIMONE 'Moral da ambigüidade' In: ARANHA, M. L. & MARTINS M.H.P. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo, Ática, 1986, p. 332-333.
- BISCALCHIN, FABIO CAMILO, **A caverna de Platão no Filme Matriz**. Piracicaba, SP: Biscalchin Editor, 2003.
- _____, 'Responsabilidade Social: Cenários e Personagens' In: **Jornal de Piracicaba**. 06/out./2005, p.A-3.
- _____, 'Responsabilidade Social e o Fim da Cidadania' In: **Anais da III Mostra de Responsabilidade Social**. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2006, p.15-16.
- _____, **A verdade num diálogo em Martin Buber**. Lorena: Biblioteca do Centro UNISAL, 1994. [Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia]
- BOFF, LEONARDO **Ética e Moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BUARQUE, CRISTOVAM **A aventura da universidade**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. (Universitas)
- BUZZI, ARCÂNGELO R. 'O estudo da Filosofia' In: **Introdução ao Pensar: O Ser, o Conhecimento, a Linguagem**. 24ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p.177-197.
- DALLARI, DALMO DE ABREU. 'A Atualidade da Ética'. In: **Hypnos: Ethos, Ética**. São Paulo, EDUC / Palas Atena, 1997 [Hypnos: 3], p.9-29.
- DELGADO, JOSÉ LUIZ **Totalitarismo Universitário**. *Jornal do Comércio*, 17/abr./2007. In: <<http://sschwartzman.blogspot.com/2007/04/totalitarismo-universitrio.html#links>> Acesso em: 10/mai./2007.
- DERRIDA, JACQUES **A Universidade sem condição**. Tradução Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- DIAS, MARCO ANTONIO RODRIGUES "Educação superior: bem público ou serviço comercial regulamentado pela OMC?" In: PANIZZI, WRANA MARIA **Universidade: um lugar fora do poder**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2002, pp.31-109.
- EPICURO **Carta sobre a felicidade: a Meneceu**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FORRESTER, VIVIANE. **O horror Econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. – (Ariadne)
- FREIRE, PAULO **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.
- GAARDER, JOSTEIN. **O Mundo de Sofia: Romance da História da Filosofia**. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- GINGRICH, F. WILBUR. **Léxico do Novo Testamento: Grego/Português**. Tradução Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1993.
- GINZBURG, CARLO 'Sinais - Raízes de um paradigma indiciário' In: **Mitos, emblemas e sinais – morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GROPPO, LUÍS ANTONIO, **Autogestão, universidade e movimento estudantil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. – (Coleção educação contemporânea)
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 1993. (Coleção: Pensamento Humano). Vol. I e II.
- _____, "Que é isto - A Filosofia?". In: **Os Pensadores**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo, Nova Cultural, 1991.

- HORNICH, DANER. 'Paliativo ou Privatização das nossas relações' In: **Anais da III Mostra de Responsabilidade Social**, Piracicaba: Biscalchin Editor, 2006, p. 17-18
- HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- KANT, I. "Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?", In: **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2002, p.11-19.
- _____, **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- MAC DOWELL J. A. **A Gênese da ontologia fundamental de M. Heidegger**; Ensaio de caracterização do modo de pensar de Sein und Zeit. São Paulo, Loyola, 1993. (Coleção Filosofia)
- PANIZZI, WRANA MARIA (Org.) **Universidade: um lugar fora do Poder**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- PEIXOTO, NELSON BRISSAC 'O olhar do estrangeiro' In: NOVAES, ADAUTO (org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 361-365.
- RAPINI, M. e RIGHI, H. 'Interação universidade-empresa no Brasil em 2002 e 2004: uma aproximação a partir dos grupos de pesquisa do CNPq' IN: **APEC** (Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia). Disponível em: . Acesso em: 16 de maio de 2007.
- SAFRANSKY, RÜDIGER, **Heidegger, um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. Tradução Lya Lett Luft, São Paulo, Geração Editorial, 2000.
- SANTOS, BOAVENTURA DE SOUZA "Da idéia de universidade à universidade de idéias". In: _____. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997, cap.8, pp.187-233.
- SCHOPENHAUER, ARTHUR **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2006 (Coleção L&PM Pocket, n. 479)
- SCHWARTZMAN, SIMON "Universidade, Ideologia e Poder". In: **Presença Filosófica**. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, vol. IX, n. 3 e 4, pp. 58-62, Jul./Dez. 1983. Disponível em . Acesso em: 10 maio 2007.
- TAKAHASHI, FÁBIO "Universidade só pode mudar gastos com decreto de Serra" In: **Folha de São Paulo – Caderno Cotidiano**, 14/05/2007. Disponível em: Acesso em: 16 de maio de 2007.
- WANDERLEY, LUIS EDUARDO W. **O que é universidade**. São Paulo: Brasiliense, 2003. – (Coleção Primeiros Passos; 91)